

UMA FORÇA MEDONHA

C.S. LEWIS

Autor de AS CRÔNICAS DE NÁRNIA



Terceiro livro da TRILOGIA CÔSMICA

UMA FORÇA MEDONHA

Um conto de fadas moderno para adultos

C. S. Lewis

Tradução de
Waldéa Barcellos


wmf **martinsfontes**
SÃO PAULO 2013

“A Sombra de uma força medonha
com quase dez quilômetros de extensão.”

SIR DAVID LINDSAY: de *Ane Dialog*
(descrevendo a Torre de Babel)

PARA
J. McNEILL

Sumário

Prefácio

1. Venda de propriedade da faculdade
2. Jantar com o subdiretor
3. Belbury e St. Anne's on the Hill
4. A liquidação de anacronismos
5. Elasticidade
6. Nevoeiro
7. O Líder Supremo
8. Luar sobre Belbury
9. A cabeça do sarraceno
10. A cidade conquistada
11. Início da batalha
12. Noite de vento e chuva
13. Fizeram a Imensidão dos Céus desabar sobre a própria cabeça
14. “A vida real é o encontro”
15. A descida dos deuses
16. Banquete em Belbury
17. Vênus em St. Anne's

Prefácio

Chamei este livro de conto de fadas na esperança de que aqueles que não gostam de fantasia não sejam persuadidos a continuar sua leitura, pelos dois primeiros capítulos, para depois virem queixar-se decepcionados. Se me perguntarem por quê, se eu pretendia escrever sobre magos, demônios, animais treinados e anjos planetários, ainda assim começo com cenas e pessoas tão enfadonhas, respondo que estou seguindo a tradição dos contos de fadas. Nem sempre percebemos seu método, porque os chalés, castelos, lenhadores e reizetes com que um conto de fadas tem início se tornaram para nós tão remotos quanto as bruxas e os ogros que nele são descritos, embora não fossem de modo algum remotos para os homens que criaram e inicialmente apreciaram os contos. Com efeito, eles eram mais realistas e corriqueiros do que a Faculdade de Bracton é para mim: pois muitos camponeses alemães de fato conheceram madrastas cruéis, ao passo que nunca, em nenhuma universidade, deparei com uma faculdade como Bracton. Esta é uma história incrível sobre a perversidade, não obstante subjacente a ela exista um “ponto” sério que tentei esclarecer em minha *A abolição do homem*¹. Na história, era preciso mostrar os limites dessa perversidade tocando a vida de algumas pessoas de profissão normal e respeitável. Escolhi minha própria profissão, não por acreditar que pesquisadores de faculdade tenham maior probabilidade de se deixar corromper do que qualquer outra pessoa, e sim porque a minha profissão é a única que conheço suficientemente bem para poder escrever sobre ela. Foi imaginada uma universidade muito pequena porque ela proporciona certas conveniências para a ficção. Além de seu tamanho, Edgestow não tem nenhuma semelhança com Durham – universidade com a qual minha ligação foi sempre agradável.

Acredito que uma das ideias centrais desta história surgiu na minha cabeça a partir de conversas que tive com um colega da área científica, algum tempo

antes de encontrar uma sugestão bastante similar na obra do senhor Olaf Stapledon. Se eu estiver equivocado, o senhor Stapledon é tão rico em criatividade que bem poderia se dar ao luxo de me emprestar alguma, e eu admiro tanto sua criatividade (se bem que não sua filosofia) que não sentiria nenhuma vergonha de tomá-la por empréstimo.

Quem quiser aprender mais sobre Numinor² e o Ocidente Verdadeiro deverá (infelizmente!) aguardar a publicação de grande parte do que ainda existe apenas em manuscrito de meu amigo, o professor J. R. R. Tolkien.

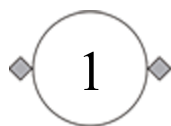
O período em que esta história se situa é alguma época “depois da guerra”. Ela conclui a trilogia da qual *Além do planeta silencioso* foi o primeiro volume, e *Perelandra*³ o segundo, mas pode ser lida isoladamente.

C. S. LEWIS

Magdalen College,

Oxford.

Véspera do Natal, 1943.



Venda de propriedade da faculdade

“O matrimônio foi instituído, em terceiro lugar”, disse Jane Studdock a si mesma, “pelo companheirismo, ajuda e conforto mútuos que um cônjuge deveria receber do outro.” Ela não ia à igreja desde o tempo de escola, até seis meses antes, quando entrou em uma para se casar. E as palavras da cerimônia não lhe saíam da cabeça.

Pela porta aberta, ela via a cozinha minúscula do apartamento e ouvia o tique-taque alto, indelicado, do relógio. Acabava de sair da cozinha e sabia como estava limpa. Tinha lavado a louça do café da manhã; estendido os panos de prato acima do fogão; limpado o chão com um pano úmido. As camas estavam feitas e os cômodos, “arrumados”. Acabara de voltar das únicas compras que precisava fazer naquele dia, e ainda faltava um minuto para as onze. A não ser pelo preparo do seu almoço e chá, não havia nada a fazer até as seis da tarde, mesmo supondo que Mark realmente viesse jantar em casa. Mas hoje havia uma reunião do corpo docente. Era quase certo que ele iria ligar por volta da hora do chá para dizer que a reunião iria se prolongar mais do que o esperado e que teria de jantar na faculdade. As horas à sua frente estavam tão vazias quanto o apartamento. O sol brilhava, e o relógio tiquetaqueava.

– Companheirismo, ajuda e conforto mútuos – disse Jane, com amargor. Na realidade, o casamento se revelara uma porta de saída de um mundo de trabalho, camaradagem, risos e milhões de coisas para fazer, e uma porta de entrada em algo que se assemelhava a uma cela solitária. Em todos esses anos, ela nunca desfrutara tão pouco da companhia de Mark como nos seis últimos meses.

Mesmo quando estava em casa, ele praticamente não conversava. Sempre estava com sono ou absorto em questões intelectuais. Enquanto eram amigos, e mais tarde quando se tornaram amantes, a vida parecia curta demais para tudo o que tinham a dizer um ao outro. Mas agora... por que ele tinha se casado com ela? Será que ainda estava apaixonado? Se fosse assim, “estar apaixonado” devia significar coisas totalmente diferentes para homens e mulheres. Será que todas as conversas intermináveis que, antes do casamento, lhe pareciam o meio de comunicação do amor nunca foram para ele mais do que preliminares?

– Aqui estou eu, começando a desperdiçar mais uma manhã no mundo da lua – disse Jane a si mesma, ríspida. – *Preciso* trabalhar um pouco.

Por trabalho, ela queria dizer sua tese de doutorado sobre Donne. Sua intenção sempre fora dar continuidade à sua carreira acadêmica depois de casada. Esse era um dos motivos para não terem filhos, pelo menos não por um bom tempo. Talvez Jane não fosse uma pensadora muito original; e seu plano consistia em dar grande realce à “triunfal defesa do corpo” por Donne. Ela ainda acreditava que, se apanhasse todos os seus cadernos e edições e realmente se dedicasse, poderia se forçar a sentir novamente o entusiasmo perdido pelo tema. Mas antes de fazer isso – talvez para postergar o momento de iniciar –, ela virou um jornal que estava em cima da mesa e olhou de relance para uma fotografia na última página.

No instante em que viu a fotografia, ela se lembrou do sonho. Não só do sonho como do período indefinido de tempo, depois que saiu de mansinho da cama e ficou sentada à espera do primeiro sinal da manhã, com medo de acender a luz e Mark acordar e reclamar, mas de todo modo se sentindo ofendida pelo som de sua respiração regular. Mark dormia muito bem. Somente uma coisa parecia ser capaz de mantê-lo acordado depois que ele estava na cama, e mesmo assim não por muito tempo.

O terror desse sonho, como o terror da maioria dos sonhos, dissolve-se com o relato, porém é necessário registrá-lo por conta do que aconteceu mais tarde.

Ela começou sonhando simplesmente com um rosto. Era um rosto de aparência estrangeira, com barba, e bastante amarelado, nariz adunco. Sua

expressão era assustadora porque o rosto estava assustado. Ele estava de queixo caído, os olhos fixos, como Jane tinha visto os olhos de outros homens, fixos por um segundo ou dois, diante de um choque repentino. Mas esse rosto parecia enfrentar um choque que já durava algumas horas. E então, aos poucos, ela começou a perceber mais detalhes. O rosto pertencia a um homem que estava sentado encolhido num canto de um quatinho quadrado de paredes caiadas, à espera, pensou ela, de que aqueles que comandavam sua vida entrassem e fizessem algo horrível. Por fim, a porta se abriu, e um homem de boa aparência, com uma barba grisalha pontuda, entrou. O prisioneiro pareceu reconhecê-lo, e os dois se sentaram juntos e começaram a conversar. Em todos os sonhos que Jane tivera até então, ou se entendia o que as pessoas diziam, ou não se ouvia nada. Nesse sonho, contudo – e isso contribuiu para seu realismo extraordinário –, a conversa era em francês, e Jane entendia partes dela, mas não tudo, exatamente como teria acontecido na vida real. O visitante estava dizendo ao prisioneiro alguma coisa que aparentemente deveria soar como uma boa notícia. De início o prisioneiro olhou para cima com um relance de esperança nos olhos e disse “*Tiens... ah..., ça marche*” [Veja (isso)... ah..., funciona]; entretanto titubeou e mudou de ideia. O visitante continuou a defender seu ponto de vista, com voz baixa e fluente. Era um homem de boa aparência, dono de um estilo bastante frio, mas usava pincenê, e as lentes não paravam de refletir a luz de um modo que tornava seus olhos invisíveis. Isso, associado à perfeição quase artificial de seus dentes, transmitiu a Jane uma impressão desagradável. E essa impressão foi agravada pela aflição crescente e, por fim, pelo terror do prisioneiro. Ela não conseguiu discernir o que exatamente o visitante estava propondo, mas descobriu, sim, que o prisioneiro estava condenado à morte. Qualquer que fosse a oferta feita pelo visitante, era algo que o apavorava mais do que a morte. A essa altura, o sonho abandonou toda a falsa aparência de realismo e se tornou um pesadelo comum. O visitante, ajeitando seu pincenê e ainda dando um sorriso frio, segurou a cabeça do prisioneiro entre as mãos. Ele a girou com força, exatamente como Jane tinha visto no último verão uns homens girarem com brusquidão o capacete na cabeça de um mergulhador. O visitante desatarraxou a cabeça do prisioneiro e a levou embora. Depois tudo se

tornou confuso. A cabeça ainda era o centro do sonho, mas era totalmente diferente: uma cabeça com uma longa barba branca toda coberta de terra. Ela pertencia a um velho que algumas pessoas desenterravam numa espécie de cemitério de igreja, um tipo de homem britânico antigo, druídico, usando um longo manto. De início Jane não se incomodou muito com isso porque achou que se tratava de um cadáver. E então, de repente, ela percebeu que aquela coisa antiga estava voltando à vida. “Cuidado!”, gritou ela no sonho. “Ele está vivo. Parem! Parem! Vocês vão acordá-lo.” Mas eles não pararam. O velho enterrado se sentou e começou a falar em alguma língua vagamente semelhante ao espanhol. E por algum motivo isso deixou Jane tão assustada que ela acordou.

Esse foi o sonho – não pior, embora também não melhor, que muitos outros pesadelos. No entanto, não foi a mera lembrança de um pesadelo que fez a sala de estar do apartamento balançar diante dos olhos de Jane e que a levou a se sentar depressa com medo de cair. O problema estava em outra parte. Lá, na última página do jornal, via-se a cabeça que estivera presente no seu pesadelo: a primeira cabeça (se é que houvera duas), a cabeça do Prisioneiro. Com extrema relutância, ela pegou o jornal. EXECUÇÃO DE ALCASAN era a manchete, e abaixo dela se lia: CIENTISTA BARBA-AZUL VAI PARA A GUILHOTINA. Ela se lembrou de ter acompanhado o caso sem muito interesse. Alcasan era um radiologista ilustre de um país vizinho, descendente de árabes, diziam, que tinha encerrado precocemente uma carreira brilhante sob outros aspectos, ao envenenar a mulher. Era essa então a origem do sonho. Ela devia ter visto a foto no jornal – o homem sem dúvida tinha um rosto muito desagradável – antes de ir dormir. Mas não, não podia ser. O jornal que Jane segurava era o daquela manhã. É claro que havia alguma fotografia anterior que ela viu e da qual se esqueceu. Provavelmente de semanas atrás, quando o processo começou. Era bobagem permitir que aquilo a abalasse tanto. E agora, Donne. Vejamos, onde estávamos? O trecho ambíguo no final de *Alquimia do amor*

*Não esperes inteligência nas mulheres; em sua maior graça e doçura,
elas não passam de múmias animadas.*

“Não esperes inteligência nas mulheres.” Algum homem realmente *queria* inteligência nas mulheres? Essa não era a questão.

– *Preciso* recuperar minha capacidade de concentração. – disse Jane, e então... – Será que houve uma foto anterior de Alcasan? Supondo...

Cinco minutos mais tarde, ela tirou todos os livros da sua frente, foi até o espelho, pôs o chapéu e saiu. Não sabia ao certo aonde estava indo. A qualquer lugar, para sair daquela sala, daquele apartamento, daquele prédio inteiro.



Enquanto isso, Mark estava seguindo até a Faculdade de Bracton, pensando num assunto muito diferente. Ele não percebia a beleza matutina da pequena rua que o conduzia do subúrbio na encosta do morro arenoso onde ele e Jane moravam até a parte acadêmica no centro de Edgestow.

Embora eu seja cria de Oxford e goste muito de Cambridge, para mim Edgestow é mais bonita que as duas. Para começar, é uma cidade muito pequena. Nenhum fabricante de automóveis, de salsichas ou de geleias chegou aqui para industrializar a cidadezinha que sedia a universidade, e a universidade em si é minúscula. Além de Bracton e da faculdade feminina do século XIX, do outro lado da ferrovia, há somente duas faculdades: Northumberland, situada abaixo de Bracton à margem do rio Wynd, e Duke, de frente para a abadia. Bracton não tem curso de graduação. Ela foi fundada em 1300 para subsidiar dez eruditos cujos deveres consistiam em orar pela alma de Henrique de Bracton e estudar as leis da Inglaterra. O número de pesquisadores aumentou gradativamente para quarenta, dos quais somente seis (exceto o detentor da cátedra de Bacon) estudam Direito, e é possível que nenhum deles ore pela alma de Bracton. Mark Studdock era sociólogo e tinha sido escolhido para uma bolsa de pesquisas nessa área cinco anos antes. Ele estava começando a se ajustar ao novo ambiente. Se tivesse tido a menor dúvida a esse respeito (o que não era o caso), ela teria sido deixada de lado quando por acaso ele topou com Curry bem em frente à agência dos Correios e viu como este achou natural que ambos fossem andando juntos

até a faculdade, conversando sobre a pauta da reunião. Curry era o subdiretor de Bracton.

– É – disse Curry –, vai ser demoradíssima. É provável que continue depois do jantar. Nós vamos ter todos os obstrucionistas se esforçando muito para perder tempo. Felizmente, isso é o pior que eles podem fazer.

Pelo tom da resposta de Studdock, ninguém teria imaginado o prazer intenso que ele extraiu do uso por parte de Curry do pronome “nós”. Ainda muito recentemente, ele era alguém “de fora”, que observava com espanto e pouco entendimento as atividades do que costumava chamar de “Curry e sua turma”, e nas reuniões do corpo docente fazia discursos curtos, nervosos, que nunca influenciavam o curso dos acontecimentos. Agora ele estava incluído; e “Curry e sua turma” tinham se tornado “nós” ou o “Elemento Progressista na Faculdade”. Tudo tinha acontecido muito de repente e ainda lhe dava um gostinho especial.

– Então, você acha que vai passar? – disse Studdock.

– Com toda certeza – disse Curry. – Temos o diretor, o tesoureiro e todo o pessoal de Química e Bioquímica pra começar. Sondei Pelham e Ted, e eles são confiáveis. Consegui fazer Sancho acreditar que entendeu a questão e que é a favor dela. É provável que Bill Nevasca aja de modo bastante devastador, mas ele deve apoiar nosso lado, se for preciso votar. Além disso, eu ainda não lhe disse. Dick estará presente. Ele chegou a tempo para o jantar ontem à noite e logo começou a trabalhar.

A mente de Studdock rodava, na aflição de buscar um modo seguro para ocultar o fato de que ele não sabia quem era Dick. Na hora H, ele se lembrou de um colega muito pouco conhecido, cujo nome de batismo era Richard.

– Telford? – disse Studdock, intrigado. Ele sabia muito bem que Telford não podia ser o Dick a quem Curry se referia e, por isso, deu um tom ligeiramente cômico e irônico à pergunta.

– Meu Deus! Telford!! – disse Curry, com uma risada. – Não. Estou falando de lorde Feverstone: Dick Devine, como era conhecido antes.

– Fiquei um pouco *desconcertado* com a ideia de Telford – disse Studdock, rindo junto. – É bom que Feverstone venha. Eu não o conheço pessoalmente,

sabe?

– Ah, mas você precisa conhecê-lo – disse Curry. – Olhe, venha jantar em meus aposentos hoje à noite. Eu o convidei também.

– Seria um grande prazer – disse Studdock, com sinceridade. E então, depois de uma pausa: – Por sinal, suponho que a posição de Feverstone esteja bem assegurada.

– Como assim? – perguntou Curry.

– Bem, não sei se você se lembra, mas houve questionamentos ao fato de que alguém que passava tanto tempo longe pudesse continuar com uma bolsa de pesquisa.

– Ah, você está falando de Glossop e toda aquela balbúrdia. Aquilo não vai dar em nada. Você não achou que era pura balela?

– Cá entre nós, sim. Mas confesso que, se me mandassem explicar *em público* exatamente por que um homem que está quase sempre em Londres deveria continuar como pesquisador em Bracton, eu não consideraria a tarefa de fácil execução. Os verdadeiros motivos são do tipo que Watson chamaria de “imponderáveis”.

– Não concordo. Eu não faria a menor objeção de explicar em público os verdadeiros motivos. Não é importante para uma faculdade como esta ter contatos influentes com o mundo exterior? É bem provável que Dick faça parte do próximo ministério. Mesmo agora, Dick em Londres já foi muito mais útil para a faculdade do que Glossop e meia dúzia de outros como ele, que estão sentados parados aqui a vida inteira.

– É. É claro, essa é a questão. Mas seria um pouco difícil apresentá-la dessa forma numa reunião do corpo docente da faculdade.

– Há um detalhe – disse Curry, num tom levemente menos íntimo – que você talvez devesse saber a respeito de Dick.

– E qual seria?

– Foi ele quem conseguiu a sua bolsa de pesquisa aqui.

Mark calou-se. Não gostava de coisas que o lembrassem de que no passado estivera fora do Elemento Progressista – fora até mesmo do corpo docente. Ele não gostava muito de Curry. Seu prazer em estar com ele não era esse tipo de prazer.

– É – disse Curry. – Denniston era seu principal concorrente. Cá entre nós, muita gente gostou mais das dissertações dele que das suas. Foi Dick que insistiu o tempo todo que você era o tipo de homem que queríamos de verdade. Ele foi até a Duke e desencavou tudo a seu respeito. Para ele a única coisa que devíamos era ter em mente o tipo de homem de que precisamos. Para o inferno com as qualificações da produção acadêmica. E devo dizer que, com efeito, ele estava com a razão.

– Muita gentileza sua – disse Studdock, com uma pequena reverência irônica. Estava surpreso com o rumo que a conversa tinha tomado. Era uma norma antiga em Bracton, como supostamente na maioria das faculdades, que jamais se mencionassem, na presença de um homem, as circunstâncias que o levaram a ser escolhido para um posto, e Studdock até aquele momento não tinha percebido que essa era também uma das tradições que o Elemento Progressista estava preparado para descartar. Nunca lhe ocorrera que sua eleição tivesse dependido de outro fator que não fosse a excelente qualidade de seu trabalho nos exames para a bolsa. Menos ainda que tivesse sido por uma margem tão estreita. Àquela altura já estava tão acostumado a sua posição que esse pensamento lhe causou a mesma sensação curiosa que um homem tem ao descobrir que seu pai no passado quase se casou com outra mulher.

– É verdade – continuou Curry, seguindo outra linha de pensamento. – É óbvio que Denniston não teria servido. Decididamente não. Uma cabeça brilhante na época, é claro, mas parece que ele saiu totalmente dos trilhos, com todo o seu distributivismo e sabe se lá o quê. Dizem que é bem provável que ele acabe num mosteiro.

– Mesmo assim, o homem não é nenhum tolo – disse Studdock.

– Fico feliz por você vir conhecer Dick – disse Curry. – Agora não temos tempo, mas há uma questão sobre ele que quero comentar com você.

Studdock olhou para ele com ar de indagação.

– James e eu, e mais um ou dois – disse Curry, com a voz um pouco mais baixa –, estivemos pensando que ele deveria ser o novo diretor. Chegamos.

– Ainda não é meio-dia – disse Studdock. – E se entrássemos um instante no Bristol para beber alguma coisa?

E no Bristol eles entraram. Não teria sido fácil preservar a atmosfera na qual o Elemento Progressista operava sem uma boa quantidade dessas pequenas cortesias. Isso pesava mais no bolso de Studdock que no de Curry, que não era casado e cuja remuneração era de subdiretor. Mas o Bristol era um local muito agradável. Studdock trouxe um uísque duplo para o colega e um caneco de cerveja para si mesmo.



A única vez em que estive em Bracton como convidado, consegui convencer meu anfitrião a me deixar entrar no Bosque e me deixar lá sozinho por uma hora. Ele se desculpou por me trancar lá dentro.

Pouquíssimas pessoas tinham acesso ao Bosque de Bragdon. O portão era de Inigo Jones e era a única entrada: um muro alto cercava o Bosque, que talvez tivesse uns quatrocentos metros de largura e um quilômetro e meio de leste a oeste. Quem vem da rua e passa por dentro da faculdade para chegar ao Bosque é tomado por uma sensação muito forte de entrada gradual num santuário. Primeiro, atravessa-se o quadrilátero de Newton, que é seco, com piso de cascalho, rebuscado, porém belíssimo. Prédios gregorianos debruçam-se sobre ele. Em seguida, entra-se por um corredor frio, semelhante a um túnel, quase escuro ao meio-dia, a menos que esteja aberta a porta que dá para o saguão à direita ou a meia-porta da despensa à sua esquerda, proporcionando um vislumbre de luz interior batendo em lambris e um leve aroma de pão fresco. Assim que sai do túnel, o visitante vai se encontrar na faculdade medieval: no claustro do quadrilátero muito menor chamado de República. A grama aqui parece mais verde depois da aridez de Newton, e até a pedra dos arcobotantes

que sobem dali dá a impressão de ser macia e ter vida. A capela não fica longe: o ruído pesado e rouco das engrenagens de um relógio antigo e enorme chega aos ouvidos de algum lugar mais alto. Segue-se pelo claustro, por lajes, urnas e bustos que homenageiam bractonianos falecidos. Desce-se então por degraus suaves para a plena luz do dia do quadrilátero chamado Lady Alice. Os prédios à direita e à esquerda são do século XVII: humildes, quase de aparência doméstica, com águas-furtadas, cheias de musgo e telhas cinzentas. Está-se num agradável mundo protestante. Talvez o visitante se flagre pensando em Bunyan ou em *Vidas*, de Walton. Não haveria prédios em frente, no quarto lado de Lady Alice: apenas uma fileira de olmos e um muro. E aqui pela primeira vez percebem-se o som de água corrente e o arrulhar de pombos-torcazes. A rua estaria tão distante a essa altura que não haveria nenhum outro ruído. No muro haveria uma porta. Ela o levaria por uma galeria coberta perfurada por janelas estreitas de cada lado. Olhando lá para fora através delas, o passante descobre estar atravessando uma ponte, e que o Wynd marrom-escuro e ondulado passa ali por baixo. Agora o visitante está bem perto de seu destino. Uma cancela na outra extremidade da ponte o conduz ao campo de boliche dos pesquisadores, e do outro lado dele se vê o muro alto do Bosque. E, através do portão de Inigo Jones, tem-se um vislumbre de verdes ensolarados e sombras profundas.

Suponho que o mero fato de ser murado conferia ao Bosque sua qualidade peculiar, pois, quando algo está cercado, a mente não costuma considerá-lo comum. Enquanto eu avançava pisando na relva silenciosa, fui tomado pela sensação de estar sendo bem recebido. As árvores eram separadas entre si pela distância exata para que de longe dessem a impressão de folhagem ininterrupta, mas o lugar onde se estava sempre parecia ser uma clareira. Cercado por um mundo de sombras, caminhava-se sob um sol ameno. A não ser pelos carneiros, cujas mordiscadas mantinham a grama rente, e que às vezes erguiam a cara comprida e boba para olhar para mim, eu estava totalmente só. E a sensação de solidão era mais parecida com a de um aposento enorme numa casa abandonada do que com qualquer solidão normal ao ar livre. Lembro-me de pensar: “Este é o tipo de lugar do qual, quando criança, qualquer um teria sentido bastante medo ou então do qual teria gostado muito mesmo.” Um instante depois, pensei:

“Mas, quando está sozinho, sozinho de verdade, todo mundo é criança... ou ninguém é?” A juventude e a velhice tocam apenas a superfície da nossa vida.

Oitocentos metros são uma pequena caminhada. Entretanto, pareceu passar muito tempo até eu chegar ao centro do Bosque. Eu sabia que era o centro porque ali estava o que eu fora ver. Era um poço: um poço com uma escada que descia até ele e os restos de um calçamento antigo ao redor. Agora tudo estava muito imperfeito. Não pisei no calçamento, mas deitei-me na grama e o toquei com os dedos. Pois este era o coração de Bracton ou do Bosque de Bragdon: a partir dali surgiram todas as lendas, e dele, suspeitava eu, a própria existência da faculdade dependera originalmente. Os arqueólogos estavam de acordo quanto ao período em que a obra fora construída: romano-britânico tardio, às vésperas da invasão dos anglo-saxões. Como Bragdon, o bosque, estava ligado a Bracton, o jurista, era um mistério, mas eu imagino que a família Bracton tenha tirado proveito de uma semelhança acidental entre os nomes para acreditar, ou fazer acreditar, que de alguma maneira eles estavam relacionados ao Bosque. Decerto, se tudo o que se disse for verdade, ou mesmo a metade da verdade, o Bosque era mais antigo que a família Bracton. Suponho que hoje ninguém daria muita importância a *Balachtou* de Strabo, embora ele tenha levado um diretor da faculdade, no século XVI, a dizer que “pelos relatos mais antigos, não temos conhecimento de nenhuma Britânia sem Bragdon”. Mas a canção medieval nos leva de volta ao século XIV.

Na ponte de Bragdon ao fim do dia

Ouvi dizer que Merlin ali jazia

Entre cantos de dor e melancolia.

É prova suficiente de que o poço com o calçamento romano-britânico era de fato o “Poço de Merlin”, se bem que o nome somente seja encontrado no reinado da rainha Elisabete, quando o bom diretor Shovel cercou o Bosque com um muro “para eliminar todas as superstições profanas e pagãs e para desencorajar o aspecto vulgar de todas as vigílias, jogos da primavera, danças, apresentações de mímica e fornadas de pão de Morgana, costumeiros até essa data, em torno da

fonte chamada, por pura vaidade, de Poço de Merlin, a serem totalmente abandonados e abominados como mixórdia de papismo, paganismo, lubricidade e loucura ensandecida”. Não que a faculdade tivesse por esse ato renunciado a seu interesse pelo local. O velho doutor Shovel, que quase chegou aos 100 anos de idade, mal estava frio na sepultura quando um dos generais de divisão de Cromwell, considerando ser sua missão destruir “arvoredos e lugares venerados”, despachou alguns soldados com poder para arrebanhar o povo do interior para essa obra piedosa. O esquema não deu em nada; mas houve uma escaramuça entre o corpo docente e os soldados no centro do Bosque de Bragdon, e o fabulosamente erudito e santo Richard Crowe foi morto com um tiro de mosquetão bem na escada do poço. Seria preciso ter coragem para acusar Crowe fosse de papismo, fosse de paganismo. Entretanto, diz a história que suas últimas palavras foram: “Ora, senhores, se Merlin, que era o próprio filho do Demônio, foi mais leal a seu rei que qualquer homem que veio ao mundo, não é uma vergonha que vocês, que não passam de filhos de cadelas, venham a ser rebeldes e regicidas?”. E sempre, ao longo de todas as mudanças, todo diretor de Bracton, no dia de sua eleição, cumpria a cerimônia de beber um gole da água do Poço de Merlin, na enorme taça que, tanto por sua antiguidade como por sua beleza, era o maior dos tesouros de Bracton.

Em tudo isso pensei, deitado junto do Poço de Merlin, ao lado do poço que deve sem dúvida remontar ao tempo de Merlin, se é que algum dia existiu um Merlin de verdade. Deitado onde sir Kenelm Digby passou uma noite inteira de verão e viu uma estranha aparição; onde Collins, o poeta, se deitou; e onde Jorge III chorou; onde o brilhante e muito amado Nathaniel Fox compôs o famoso poema três semanas antes de ser morto na França. O ar estava tão parado e as nuvens de folhagem tão pesadas acima de mim que adormeci. Despertei com meu amigo gritando por mim de muito longe.



O assunto mais polêmico a ser tratado na reunião do corpo docente era a questão da venda do Bosque de Bragdon. O comprador era o Instituto Nacional

de Experimentos Coordenados (Inec). Eles queriam um local para o prédio que abrigaria condignamente essa notável organização. O Inec era o primeiro fruto daquela fusão construtiva entre o Estado e a Ciência, na qual tanta gente pensante baseia suas esperanças de um mundo melhor. Ele estaria isento de quase todas as restrições maçantes – “burocracia” era a palavra usada por seus defensores – que até o momento tinham prejudicado o avanço da pesquisa neste país. Também estava em grande parte livre de restrições econômicas, pois, como se alegava, uma nação que pode gastar tantos milhões por dia numa guerra sem dúvida pode arcar com alguns milhões por mês em pesquisa produtiva em tempos de paz. O prédio proposto para o Instituto representaria um acréscimo bastante notável até mesmo ao perfil de Nova York; a equipe deveria ser enorme; e seus salários, principescos. Uma pressão insistente e uma diplomacia sem limites por parte da Prefeitura de Edgestow atraíram o novo Instituto, evitando que ele fosse para Oxford, Cambridge ou Londres. O Instituto tinha pensado em cada um desses lugares como cenário possível para suas atividades. Por vezes, o Elemento Progressista em Edgestow quase perdera a esperança. Mas agora o sucesso estava praticamente garantido. Se conseguisse a área necessária, o Inec viria para Edgestow. E quando viesse, como era a impressão de todos, as coisas finalmente começariam a progredir. Curry tinha chegado a expressar uma dúvida quanto à possibilidade de Oxford e Cambridge se manterem como universidades de renome com o passar do tempo.

Três anos antes, se Mark Studdock tivesse comparecido a uma reunião do corpo docente durante a qual uma questão dessas estivesse para ser decidida, ele teria esperado ouvir teorias de sentimento *versus* progresso e de beleza *versus* utilidade debatidas abertamente. Hoje, ao assumir seu lugar no Soler, a longa sala superior ao sul de Lady Alice, ele não esperava nada disso. Agora Mark estava ciente de que não era assim que se faziam as coisas.

O Elemento Progressista realmente cuidava muito bem dos seus assuntos. Ao entrar no Soler, a maioria dos pesquisadores não sabia que havia qualquer possibilidade de o Bosque ser vendido. Naturalmente, eles viram na ordem do dia que o item 15 era “Venda de Terreno da Faculdade”; mas, como isso aparecia em quase todas as reuniões do corpo docente, não se interessaram muito. Por

outro lado, eles viram, sim, que o item 1 era “Questões referentes ao Bosque de Bragdon”, as quais não diziam respeito à venda. Curry, que, como subdiretor, se levantou para apresentá-las, tinha algumas cartas a ler para o corpo docente. A primeira era de uma sociedade dedicada à preservação de monumentos antigos. Na minha opinião, essa sociedade foi imprudente ao fazer duas queixas numa única carta. Teria sido mais sensato se tivessem se restringido a chamar a atenção da faculdade para o péssimo estado do muro em torno do Bosque. Quando passaram a insistir na conveniência de construir algum tipo de proteção sobre o poço, e até mesmo a ressaltar que já tinham feito essa recomendação, o corpo docente começou a se irritar. E quando, como se tivessem pensado melhor, eles expressaram o desejo de que a faculdade tivesse um pouco mais de boa vontade para com estudiosos sérios de antiguidades que quisessem examinar o poço, o corpo docente se enfureceu. Eu não gostaria de acusar um homem na posição de Curry de interpretar mal uma carta, mas sua leitura sem dúvida não amenizou nenhum defeito no tom da composição original. Antes que ele se sentasse, quase todos na sala tinham um forte desejo de fazer que o mundo lá fora compreendesse que o Bosque de Bragdon era propriedade particular da Faculdade de Bracton e que seria melhor que o mundo lá fora cuidasse da própria vida. Ele então se levantou para ler outra carta, enviada por uma sociedade de espíritas que queria permissão para investigar os “fenômenos relatados” no Bosque – uma carta “relacionada”, como disse Curry, com a carta seguinte que, “com a permissão do diretor, eu agora lerei para vocês”. Esta era de uma empresa que tinha ouvido falar da proposta dos espíritas e queria autorização para fazer um filme, não sobre os fenômenos em si, mas sobre os espíritas em busca dos fenômenos. Curry foi instruído a escrever recusas sucintas para todas as três cartas.

E então, de um lugar bem diferente do Soler veio uma voz. Lorde Feverstone tinha se levantado. Ele concordou plenamente com a decisão do corpo docente quanto àquelas cartas impertinentes de diversos enxeridos lá de fora. Mas, afinal de contas, não era verdade que o muro do Bosque *estava* mesmo numa condição muito insatisfatória? Uma boa quantidade de pesquisadores – entre os quais Studdock não se encontrava – imaginou estar assistindo a uma revolta de

Feverstone contra “Curry e sua turma”, e começou a se interessar muito. Quase de imediato o tesoureiro, James Busby, pôs-se de pé. Ele acolheu bem a pergunta de lorde Feverstone. Na qualidade de tesoureiro, coube a ele procurar recentemente consultoria especializada a respeito do muro do Bosque. Busby lamentava dizer que “insatisfatório” era um termo delicado demais para descrever a condição em que ele se encontrava. Nada menos que um muro completamente novo resolveria a situação. Com enorme dificuldade foi possível extrair dele o custo provável dessa construção; e, quando ouviu o valor, o corpo docente espantou-se. Lorde Feverstone indagou com frieza se o tesoureiro estava falando sério ao propor que a faculdade arcasse com uma despesa daquele porte. Busby (um ex-clérigo de tamanho avantajado e com uma vasta barba preta) respondeu, com alguma irritação, que não tinha proposto nada; que, se *fosse* fazer alguma sugestão, seria a de que não se poderia tratar da questão isoladamente, sem levar em conta algumas importantes considerações financeiras que caberia a ele expor ao corpo docente ainda naquele dia. Houve uma pausa depois dessa declaração ameaçadora, até que aos poucos, um a um, os “de fora” e os “obstrucionistas”, os que não pertenciam ao Elemento Progressista, começaram a entrar no debate. Em sua maioria, eles achavam difícil acreditar que algo diferente de um muro novo inteiro adiantaria. O Elemento Progressista deixou que falassem por quase dez minutos. Teve-se então a impressão de que lorde Feverstone estava de fato liderando os “de fora”. Ele queria saber se o tesoureiro e o Comitê de Conservação realmente não tinham conseguido encontrar uma alternativa entre construir um muro novo e deixar que o Bosque de Bragdon se deteriorasse, passando a ser área pública. Ele fez pressão por uma resposta. Alguns dos “de fora” até começaram a achar que ele estava sendo grosseiro demais com o tesoureiro. Por fim, o tesoureiro respondeu em voz baixa que, apenas por especulação, ele *tinha* obtido alguns fatos sobre possíveis alternativas. Uma cerca de arame farpado... mas o resto da frase desapareceu diante de uma gritaria de desaprovação, durante a qual se ouviu o velho cônego Jewel dizer que preferia ver todas as árvores derrubadas a ver o Bosque enjaulado em arame farpado. Finalmente, a questão foi transferida para a reunião seguinte.

O próximo item era um daqueles que a maioria dos pesquisadores não conseguia entender. Envolveu a recapitulação (por Curry) de uma longa correspondência entre a faculdade e a Prefeitura da Universidade a respeito da proposta de incorporação do Inec à Universidade de Edgestow. A expressão “comprometer-se a” não parou de se repetir no debate que se seguiu. “Aparentemente”, disse Watson, “como faculdade, nós nos comprometemos a dar o maior apoio possível ao novo Instituto.” “Parece”, disse Feverstone, “que estamos de pés e mãos atados; e que demos carta branca à universidade.” O que tudo isso realmente significava jamais ficou claro para qualquer um dos “de fora”. Eles se lembravam de, numa reunião anterior, terem lutado muito contra o Inec e todas as suas atividades e de terem sido derrotados. Mas todos os esforços empreendidos para descobrir o que sua derrota tinha representado, embora respondidos com enorme clareza por Curry, serviram apenas para enredá-los ainda mais nos labirintos impenetráveis da constituição da universidade e no mistério ainda mais sombrio das relações entre a universidade e a faculdade. O resultado da discussão acabou por deixá-los com a impressão de que a honra da faculdade não estava envolvida no estabelecimento do Inec em Edgestow.

Durante o exame desse ponto, os pensamentos de mais de um pesquisador tinham se voltado para o almoço, e a atenção tinha se dispersado. Mas, quando Curry se levantou faltando cinco minutos para uma hora para apresentar o item 3, houve uma nítida renovação do interesse. Seu título era “Retificação de uma anomalia no Estipêndio dos Pesquisadores Juniores”. Eu não gostaria de revelar o que a maioria dos pesquisadores juniores de Bracton estava recebendo nessa época, mas creio que mal cobria as despesas de sua residência na faculdade, que era compulsória. Studdock, que apenas recentemente tinha deixado essa classe, sabia muito bem o que eles estavam sentindo. Ele compreendia a expressão no rosto de todos. A retificação, se fosse aprovada, significaria roupas, férias, carne no almoço e uma oportunidade para comprar metade, em vez de um quinto, dos livros de que precisavam. Todos os olhos fixaram-se no tesoureiro, quando ele se levantou para responder às propostas de Curry. Ele esperava que ninguém imaginasse que ele aprovava a anomalia que tinha, em 1910, excluído a classe mais baixa dos pesquisadores das novas cláusulas no parágrafo 18.º do Estatuto

17. Ele tinha certeza de que todos os presentes haveriam de *desejar* que ela fosse retificada, mas era seu dever, como tesoureiro, salientar que essa era a segunda proposta que envolvia pesadíssimos desembolsos que lhes tinha sido apresentada naquela manhã. Sobre isso ele apenas podia dizer, como já tinha dito a respeito da proposta anterior, que ela não podia ser isolada do problema total da presente posição financeira da faculdade, que ele esperava expor a todos durante os trabalhos daquela tarde. Muito mais do que isso foi dito, mas nenhuma resposta foi dada ao tesoureiro, e a questão, adiada. Faltando quinze para as duas, quando os pesquisadores saíram em bando do Soler para almoçar, famintos, com dor de cabeça e loucos para fumar, cada pesquisador júnior tinha bem fixo na mente que um muro novo para o Bosque e um aumento na sua remuneração eram alternativas rigorosamente excludentes. “Essa droga de Bosque nos atrapalhou a manhã inteira”, disse um. “E nós ainda não nos livramos dele”, respondeu outro.

Com essa disposição de espírito, o corpo docente voltou ao Soler depois do almoço para examinar suas finanças. Busby, o tesoureiro, foi naturalmente o orador principal. Faz muito calor no Soler numa tarde de sol; e a fluência tranquila da exposição do tesoureiro, e até mesmo o faiscar de seus dentes brancos e bem alinhados acima da barba (ele tinha ótimos dentes) exerciam uma espécie de poder hipnótico. Os pesquisadores nem sempre consideram fácil entender questões financeiras. E, se entendessem, é provável que não seriam o tipo de pessoa que se torna pesquisador numa faculdade. Eles captaram que a situação estava ruim, na verdade péssima. Alguns membros mais jovens e mais inexperientes pararam de se perguntar se iam conseguir um muro novo ou um aumento na remuneração; e começaram a pensar se a própria faculdade continuaria a funcionar. Os tempos, como o tesoureiro disse com tanta veemência, eram extremamente difíceis. Os membros mais velhos ouviram muitas vezes falar desse tipo de dificuldade, de dezenas de tesoueiros anteriores, e ficaram menos perturbados. Nem por um instante estou sugerindo que o tesoureiro de Bracton estivesse de alguma forma apresentando a situação de maneira incorreta. É muito raro que os assuntos de uma grande corporação, vagamente dedicada a promover o estudo, possam ser descritos como

satisfatórios num sentido desprovido de ambiguidade. Seu discurso foi excelente. Cada frase era um modelo de lucidez e, se seus ouvintes consideraram a essência de todo o seu pronunciamento menos clara que as partes, isso pode ter sido por incapacidade deles mesmos. Alguns pequenos cortes de despesas e reinvestimentos que ele sugeriu foram aprovados por unanimidade, e as atividades foram suspensas para o chá, com o corpo docente numa disposição de ânimo mais branda. Studdock ligou para Jane e lhe disse que não iria jantar em casa.

Só depois das seis da tarde é que todas as linhas convergentes de pensamento e sentimento despertadas pelos itens anteriores afluíram para a questão da venda do Bosque de Bragdon. O título do item não era “a venda do Bosque de Bragdon”. O tesoureiro chamou-o de “venda da área colorida de rosa na planta que, com a permissão do diretor, passarei agora a todos”. Ele ressaltou com perfeita franqueza que isso envolvia a perda de *parte* do Bosque. Na realidade, o local proposto para o Inec ainda deixava para a faculdade uma faixa de cerca de cinco metros de largura ao longo da parte mais distante no lado sul, mas não houve trapaça, uma vez que os pesquisadores tinham a planta diante de si para olhar com os próprios olhos. Ela era em pequena escala, e talvez não fosse perfeitamente precisa, destinada apenas a dar uma ideia geral. Em resposta a perguntas, ele admitiu que infelizmente, ou talvez felizmente, o poço estava na área que o Inec queria. Os direitos de acesso da faculdade seriam, naturalmente, garantidos; e o poço e seu calçamento seriam conservados pelo Instituto de um modo que satisfaria todos os arqueólogos do mundo. Ele se absteve de dar qualquer conselho e apenas mencionou o valor totalmente espantoso que o Inec estava oferecendo. Depois disso, a reunião ficou animada. As vantagens da venda revelaram-se uma a uma, como frutos maduros que caem na mão. Ela resolvia o problema do muro; resolvia o problema de proteção a monumentos antigos; resolvia o problema financeiro; parecia resolver o problema do estipêndio dos pesquisadores juniores. Parecia ainda que o Inec considerava esse o único local possível em Edgestow. Se por algum acaso Bracton se recusasse a vender, todo o esquema cairia por terra, e o Instituto sem dúvida iria para Cambridge. Chegou a ser possível extrair do tesoureiro, por meio de muito

questionamento, a informação de que ele sabia de uma faculdade de Cambridge com muita vontade de vender.

Os poucos reacionários presentes, para quem o Bosque de Bragdon era quase um pressuposto básico da vida, mal chegaram a perceber o que estava acontecendo. Quando conseguiram falar, sua voz pareceu dissonante em meio ao burburinho geral de comentários entusiásticos. As manobras dos oponentes fizeram que eles dessem a impressão de desejar ver o Bosque de Bragdon cercado com arame farpado. Quando por fim o velho Jewel, cego, trêmulo e quase chorando, se pôs de pé, sua voz quase não se ouvia. Homens voltaram-se para olhar, e alguns para admirar o rosto definido, meio infantil, e o cabelo branco que se tornara mais visível à medida que a longa sala ficava mais escura. Mas somente os mais próximos conseguiram ouvir o que ele dizia. Nesse momento, lorde Feverstone levantou-se de um salto, cruzou os braços e, encarando o velhote, falou com a voz bem alta e clara.

– Se o cônego Jewel *não* quer que ouçamos suas opiniões, sugiro que seria mais fácil atingir esse objetivo com o silêncio.

Jewel já era velho nos tempos anteriores à Primeira Guerra, quando os velhos eram tratados com cortesia, e jamais tinha conseguido se acostumar ao mundo moderno. Por um instante, enquanto permaneceu em pé, com a cabeça esticada para a frente, as pessoas acharam que ele ia responder. E então, de repente, ele abriu as mãos num gesto de desamparo, encolheu-se e começou com esforço a retomar seu assento.

A moção passou.



Depois de sair do apartamento naquela manhã, Jane também tinha ido a Edgestow, onde comprou um chapéu. Até então ela sentia certo desprezo pelo tipo de mulher que compra chapéus, do mesmo modo que um homem compra bebidas, como um estimulante e um lenitivo. Não lhe ocorreu que ela mesma estava fazendo isso nessa ocasião. Jane gostava que suas roupas fossem bem

fechadas e em cores que fossem neutras, adequadas segundo sérios critérios estéticos. Roupas que deixariam claro para todos que ela era uma adulta inteligente, não uma mulher do tipo bonequinha. E, por conta dessa preferência, ela não sabia nem mesmo que sentia interesse por roupas. Por isso ficou um pouco contrariada quando a senhora Dimble deparou com ela saindo da loja Sparrow.

– Olá, querida! Andou comprando um chapéu? Venha almoçar lá em casa, que eu quero vê-lo. Cecil está com o carro logo ali na esquina.

Cecil Dimble, um pesquisador de Northumberland, fora orientador de Jane durante seu último ano na graduação, e a senhora Dimble (havia uma tendência a chamá-la de Mamãe Dimble) tinha sido uma espécie de tia informal para todas as garotas daquele ano. Uma afeição pelas alunas do marido talvez não seja tão comum como se poderia desejar entre as mulheres de professores universitários, mas a senhora Dimble parecia gostar de todos os alunos do doutor Dimble, de ambos os sexos, e a casa do casal, do outro lado do rio, parecia ser um tipo de ruidoso salão literário durante todo o período letivo. Ela gostava especialmente de Jane, com aquele tipo de afeto que uma mulher bem-humorada, tranquila e sem filhos às vezes sente por uma garota a quem considera bonita e bastante desmiolada. Havia cerca de um ano que Jane deixara de procurar o casal Dimble, e ela sentia certa culpa por isso. Por essa razão, aceitou o convite para almoçar.

Atravessaram a ponte para chegar à parte norte de Bracton, seguiram então para o sul ao longo da margem do Wynd, passando pelos chalés, viraram para a esquerda e para o leste na igreja normanda e caminharam pela estrada reta com choupos de um lado e o muro do Bosque de Bragdon do outro, para finalmente chegar à porta da frente da casa dos Dimbles.

– Como está lindo – disse Jane, com total sinceridade ao saltar do carro. O jardim dos Dimbles era famoso.

– Melhor você aproveitar e dar uma boa olhada – disse o doutor Dimble.

– Como assim? – disse Jane.

– Você não contou para ela? – perguntou o doutor Dimble à mulher.

– Não consegui reunir coragem ainda – disse a senhora Dimble. – Além do mais, coitadinha, o marido é um dos vilões da peça. Seja como for, imagino que ela saiba.

– Não faço ideia do que vocês estão falando – disse Jane.

– Sua faculdade está sendo tão desagradável, querida. Estão nos despejando. Não querem renovar o aluguel.

– Ai, senhora Dimble! – exclamou Jane. – E eu nem sabia que essa propriedade pertencia a Bracton.

– Viu só? – disse a senhora Dimble. – Metade do mundo não sabe como a outra metade vive. Cá estava eu imaginando que você estava usando toda a sua influência com o senhor Studdock para tentar nos salvar, quando na realidade...

– Mark nunca fala comigo sobre assuntos da faculdade.

– Os bons maridos nunca falam – disse o doutor Dimble. – No mínimo, comentam os assuntos das faculdades alheias. É por isso que Margaret sabe tudo a respeito de Bracton e nada a respeito de Northumberland. Ninguém vai entrar para almoçar?

Dimble supunha que Bracton ia vender o Bosque e tudo o mais que possuía daquele lado do rio. Toda a região agora lhe parecia ainda mais paradisíaca do que quando ele chegou para morar ali, vinte e cinco anos antes. E o assunto o deixava abalado demais para querer conversar a respeito diante da mulher de um dos homens de Bracton.

– Você vai ter de esperar que eu veja o chapéu novo de Jane para poder almoçar – disse Mamãe Dimble, e com isso fez Jane subir depressa ao andar superior. Seguiram-se alguns minutos de conversa rigorosamente feminina, no sentido antiquado. Jane, embora mantivesse certo senso de superioridade, considerou-a reconfortante de um modo indefinível, e, apesar de a senhora Dimble realmente ter um ponto de vista equivocado sobre essas coisas, não havia como negar que a única pequena alteração sugerida por ela acertou em cheio. Quando o chapéu estava sendo guardado de novo, a senhora Dimble falou:

– Não há nada de errado, certo?

– Errado? – disse Jane. – Por quê? Deveria haver alguma coisa?

– Você está diferente.

– Ah, está tudo bem comigo – disse Jane, em voz alta. Mas mentalmente acrescentou: “Ela está louca para saber se vou ter neném. Esse tipo de mulher sempre quer saber.”

– Você detesta ser beijada? – disse a senhora Dimble, inesperadamente.

“Eu detesto ser beijada?”, pensou Jane consigo mesma. “Essa é de fato a questão. Eu detesto ser beijada? Não espereis pela inteligência nas mulheres...” Sua intenção era responder “É claro que não”, mas inexplicavelmente, e para sua enorme contrariedade, ela se descobriu chorando. E então, por um instante, a senhora Dimble tornou-se simplesmente gente grande, como as pessoas eram gente grande, quando ela era criancinha: objetos grandes, macios, aconchegantes, para quem se corria com joelhos machucados ou brinquedos quebrados. Quando pensava em sua infância, Jane costumava se lembrar daquelas ocasiões em que o volumoso abraço da Babá ou de Mamãe tinha sido inconveniente e rechaçado como um insulto à maturidade. Agora, por enquanto, ela estava de volta àquelas ocasiões esquecidas, embora não frequentes, em que o medo ou a aflição induziam uma entrega voluntária, e essa entrega era reconfortante. Não detestar ser afagada e acarinhada era uma atitude contrária a toda a sua teoria de vida. Contudo, antes de descerem, ela disse à senhora Dimble que não ia ganhar neném, mas que estava meio deprimida por ficar muito tempo sozinha e por conta de um pesadelo.

Durante o almoço, o doutor Dimble falou sobre a lenda arturiana.

– É realmente maravilhoso – disse ele – como tudo se encaixa perfeitamente, mesmo numa versão tardia como a de Malory. Você percebeu que existem dois conjuntos de personagens? Temos Guinevere e Lancelote e todas aquelas pessoas no centro: todos muito requintados, sem nada de especialmente britânico. Mas a verdade é que no plano de fundo, por assim dizer, do outro lado de Artur, estão todas aquelas pessoas *misteriosas*, como é o caso de Morgana e Morgawse, que são de fato muito britânicas e mais ou menos hostis, apesar de serem todos parentes. Envolvidas com magia. Você se lembra daquela frase fantástica, de

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma Força Medonha – Terceiro Livro da..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).